

# Campanha nas escolas

**“Se o rato chegar perto da gente, a mordida pode ser grave. O ratinho é nojento e mata. Minha mãe falou para eu ter cuidado com o lixo para não chamar bichos. Ele faz xixi no chão e quando a gente varre fica doente”**

Crianças e adolescentes de escolas públicas do Distrito Federal sabem que a hantavirose virou sinônimo de perigo. Os alunos têm medo dos roedores silvestres, conhecem a forma de infecção, sabem que a doença pode ser fatal e têm as mais diversas explicações, como as descritas acima, para definir o mal que matou oito moradores do Distrito Federal e três no Entorno até agora. E é nos estudantes que o governo apostou para espalhar conhecimento e cobrar dos adultos medidas preventivas contra a doença.

Ontem, a Secretaria de Educação começou a distribuir nas escolas públicas um milhão de panfletos com dicas de prevenção. A meta é conscientizar 800 mil alunos até sexta-feira. Aliado ao material informativo, professores complementarão o que grande parte dos alunos já conhece sobre a doença. Curiosa por natureza, a garotada quer saber em sala de aula tudo o que está acontecendo desde o surgimento do primeiro caso, há mais de dois meses. O próprio nome da doença, hantavirose, chama a atenção. Poucos sabem como ela ataca o organismo. Mas aprenderam como é o contágio e as formas de prevenção.

“Temos que ter cuidado com o rato. Ele é muito perigoso. Pode fazer xixi nos alimentos e nos contaminar”, ensina Vanerli dos Santos Sousa, 10 anos, estudante da 2ª série do Centro de Ensino Fundamental 1 do Cruzeiro. “Tenho medo. O ratinho é nojento e mata, não sei do que, mas mata”, acrescenta a colega de classe Ananda Silva, 9. Cadú Magalhães Sá, 7, aluno da 1ª série, também já aprendeu como o rato transmite o mal. “Quando o rato faz xixi, o vento passa, o ar fica doente, a gente cheira e se contamina.”

Aluna da mesma escola, Jéssica Lira, 7, estudante da 1ª série, tem uma maneira especial de relatar seu comportamento depois que soube da doença. “Minha mãe mandou eu não chegar mais perto de qualquer bicho esquisito. Só brinco com o meu cachorrinho. Só ele não me deixa doente.” Ela diz ainda que toma cuidados com a higiene. “Não jogo lixo no chão, senão os bichos doentes vêm para perto da minha casa”, diz Jéssica, que mora no Cruzeiro Velho.

Em outra escola da rede pública, os alunos também estão conscientes. “A doença deve ser combatida logo no início”, ensina Camila Carvalho Martins, 10, aluna da 5ª série do Centro de Ensino Fundamental 2 (CEF 2) do Guará. “Ela também não passa de pessoa para pessoa”, completa o amigo Nilton Rosseto de Oliveira, 11, morador da QE 3 do Guará.

Também estudante do CEF 2, Andrews Martineli, 13, diz que ensina amigos, pais, parentes e vizinhos a se cuidarem. “Ensino como se transmite, que é pela saliva e fezes de ratos, e que nós precisamos evitar o contato com eles não deixando mato ao redor de nossas casas”, exemplifica o estudante. Para a

Secretaria de Educação, o comportamento de Andrew deve ser seguido. “Queremos que o estudante leve para a família e núcleo de convivência informações corretas sobre o hantávirus”, diz a secretária de Educação, Maristela de Melo Neves. Cerca de mil professores e diretores foram capacitados e mais de mil cópias em CDs das telas a serem projetadas durante as palestras foram distribuídas às escolas. (MF e RL)

Paulo de Araújo



**COM MEDO DA HANTAVIROSE, JÉSSICA DEIXOU DE CHEGAR PERTO DOS ANIMAIS: “SÓ BRINCO COM MEU CACHORRINHO DE ESTIMAÇÃO”**